

Apresentação



Logomarca desenvolvida pela graduanda
Licya dos Santos Rios (UFF-Latim)

A ideia de reunir mulheres para discutir a sua participação no mercado brasileiro de tradução de obras da Antiguidade greco-latina teve adesão imediata das convidadas para o evento “Mulheres que traduzem clássicos”, realizado em 26 de outubro de 2022, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói. Foram gerações de tradutoras problematizando sua inserção no mundo editorial, que precisa refletir com mais fidedignidade a vasta produção atual. Mulheres reunidas para resgatar a sua importante presença, obnubilada numa sociedade ainda extremamente patriarcal, em favor de uma história cultural mais justa.

Segundo dados da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu), segmento do mundo editorial que parece ser mais democrático, das 126 afiliadas em junho de 2022, 51 tinham como diretora ou coordenadora uma mulher, ou seja, 40%. No campo da produção autoral escrita, a fatia ocupada por mulheres é ainda mais magra. A pesquisadora Regina Dalcastagnè, professora titular livre de literatura brasileira da Universidade

de Brasília (UnB), em artigo publicado no *Suplemento Pernambuco* de outubro de 2022, dizia que “em todas as áreas, romance, poesia, contos e crônicas em geral, as mulheres vêm produzindo mais e com maior visibilidade nesses últimos anos no Brasil – lembrando que partimos de um patamar muito baixo e que ainda não ultrapassamos o limite de cerca de 30% dos livros publicados”.

Considerando-se especificamente a área de tradução, segundo levantamento de Maria Teresa Mhereb, doutoranda do programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo (USP), as mulheres são a grande maioria, mais de 70%, usando como dados estatísticos as filiações a entidades como a Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (Abrates) e o Sindicato Nacional dos Tradutores (Sintra). É provável que as tradutoras de clássicos greco-latinos tenham sub-representação nessas entidades.

Do evento, que contou com apoio da Faperj¹ para esta quinta edição do simpósio do Laboratório de Estudos Clássicos (LEC), grupo de pesquisa com sede na UFF, credenciado no CNPq, surgiram muitos subsídios para a história ampla da tradução dos clássicos no Brasil.

A jovem pesquisadora Érica Marques de Sant’Ana (UFF) lembrou, em homenagem póstuma, Ruth Guimarães Botelho (1920-2014), mulher negra, tradutora, professora, romancista, contista, cronista, poeta, jornalista e dramaturga. Nascida em Cachoeira Paulista (SP), Ruth Guimarães, como é mais conhecida, ficou órfã aos 17 anos e foi morar na capital paulista, graduando-se em Letras Clássicas na USP. Em 1939, aos 19 anos, publicou seu primeiro poema, “Caboclo”, com auxílio de Edgard Cavalheiro, um dos fundadores da Editora Cultrix. Em 1946, seu primeiro romance e sua obra de maior destaque, *Água funda*, foi editado pela livraria do Globo, de Porto Alegre.

1 Também apoiaram o evento o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PósLing-UFF) e o Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PFI-UFF), aos quais a organização manifesta agradecimentos.

Com o sucesso do livro, passou a colaborar, na qualidade de jornalista, redatora e tradutora, com a *Revista do Globo* e com a *Cultrix*. Além disso, lecionou língua portuguesa por trinta anos na rede pública de São Paulo e dedicou sua vida à cultura regional e aos estudos folclóricos, publicando diversas obras sobre o tema. Pioneira no protagonismo feminino e negro na literatura nacional, primeira autora negra eleita para a Academia Paulista de Letras (apenas em 2008, é verdade), deixou como legado 51 obras entre romances, contos, crônicas e traduções. A Editora *Cultrix* publicou, em 1963, sua tradução de *O asno de ouro*, obra latina de Apuleio, que continua a ser reeditada, agora em edição bilíngue pela Editora 34.

A homenagem a essa intelectual de destaque ativou a memória da professora Maria Celeste Consolin Dezotti (Unesp-Araraquara), que contribuiu informalmente com um sensível depoimento sobre um encontro com Ruth Guimarães, em outubro de 2006, em São Luiz do Paraitinga (SP), na Festa do Saci, promovida pela Sociedade dos Observadores de Saci (Sosaci): “Ruth estava com alguns exemplares do seu mais recente lançamento, *Calidoscópio*, seu estudo sobre o Pedro Malazarte. No nosso breve tempo de conversa, ela falou do seu curso de grego, da sua convivência com o Mário de Andrade e de sua atual paixão, o folclore brasileiro. Voltei a Araraquara com o sonho de trazê-la a algum evento do nosso curso de letras, mas não consegui, infelizmente, realizar esse sonho. Fico muito feliz que este evento preste homenagem a ela. Através de vocês, vejo um pouco realizado o meu sonho, de ver a Ruth acolhida no quadro dos estudos clássicos brasileiros”²

Também foi lembrada a professora Zelia Ladeira Veras de Almeida Cardoso (1934-2021), que se dedicou, durante longo tempo, aos estudos do teatro latino de Sêneca, poesia dramática produzida no século primeiro da

2 A íntegra desse depoimento e um registro fotográfico do encontro estão no *site* desenvolvido pela bolsista premiada pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex-UFF) em 2022, a graduanda Licya dos Santos Rios (UFF-Latim). Disponível em: <https://mulheresquetraduzem.wordpress.com/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

era comum, única obra trágica não fragmentária remanescente da Roma antiga. A professora titular da USP traduziu algumas das peças desse *corpus*, dedicando-se mais aos estudos de *As troianas*, cuja tradução foi publicada primeiro em 1997, numa edição bilingue, pela Editora Hucitec, somada depois às traduções de *A loucura de Hércules* e de *As fenícias*, que saíram num volume monolíngue intitulado *Tragédias*, pela WMF Martins Fontes em 2014. A última publicação de Zelia em livro foi a tradução de *Otávia*, peça escrita por um emulador de Sêneca, classificada como *praetexta*, porque o tema histórico é associado à toga romana, lançada pela Editora Madamu em 2021.

Esses dois nomes e os de outras precursoras foram resgatados na conferência de abertura proferida por Adriane da Silva Duarte, professora titular da USP, que vem instigando a pesquisa e o registro de uma história da tradução dos clássicos da Antiguidade no Brasil. Num artigo de 2016³ em que apresenta uma proposta de sistematização das traduções ainda rastreáveis, Adriane elege alguns “nomes âncora, representativos das etapas do ofício no Brasil” e, entre os “agentes mapeados” (terminologia utilizada no artigo), são tão exíguos os nomes de mulheres que a palavra “tradutoras” aparece apenas uma vez no texto de 20 páginas. E não é falha da autora. Na chamada “era dos patriarcas”, nenhuma tradutora de clássicos. Na “era dos diletantes”, tampouco. Só na “era dos doutores” é que são relacionados nomes de tradutoras.

Mesmo diante desse cenário, a professora Alice Haddad (UFF), representando a organização do evento, fez um discurso confiante: “Algumas estão há mais tempo abrindo esse caminho e outras, da nova geração, dando continuidade a ele, trilhando essa via inaugurada certamente com muito esforço pelas primeiras desbravadoras. Há ainda um longo percurso pela

3 A primeira versão do artigo “Por uma história da tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil”, publicado no periódico *Translatio*, foi apresentada como conferência na XVI Jornada de Estudos da Antiguidade, na UFF em Niterói em 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/69211> Acesso em: 17 dez. 2023.

frente, e eu entendo que este evento pode nos impulsionar. Seja por meio da reflexão sobre os desafios inerentes à publicação de traduções, seja por meio do estímulo à formação de redes de apoio para trocas de experiência e contatos, seja ao nos fazer perceber algumas lacunas tão terríveis. Chamo atenção para o fato de que temos poucas mulheres negras representadas nesse campo, chamo atenção para a desigualdade regional, chamo atenção para o recorte de classe em que estamos situadas, e em tudo isso nós, enquanto organização, estamos também pensando e considerando, porque este é um evento que se assume político, que congrega mulheres afinadas com valores democráticos e que repudiam qualquer tipo de violência”.⁴

No vasto campo dos Estudos Clássicos, compreendendo as Letras Clássicas, a Filosofia Antiga e a História da Antiguidade, em sua natural transdisciplinaridade, constata-se a urgência de fomentar maior participação de pesquisadoras, tanto as plenamente formadas como as ainda em formação, na atividade de tradução de textos supérstites em grego antigo e em latim. Esse é um segmento importante para a consolidação das realizações das mulheres cientistas das humanidades, porém é ainda mais relevante que as comunidades acadêmica e não acadêmica possam, afinal, ter acesso a uma produção intelectual que, ao menos, pressupõe uma ótica diferente e renovada sobre o patrimônio textual da Antiguidade, transmitido há tantos séculos sob uma perspectiva predominantemente patriarcal, branca e colonial.

Há aqui uma encruzilhada? As mulheres classicistas aparecem menos porque carecem de prestígio ou porque não ocuparam espaços suficientes? Um recente artigo acadêmico de autoria coletiva, publicado em 2020, dá-nos uma pista de que ainda falta reconhecimento quando afirma que “pretende-se contribuir para uma melhor compreensão do papel de protagonismo das mulheres no desenvolvimento da ciência no país, em

4 Discurso da professora Alice Bitencourt Haddad (UFF-Filosofia), coorganizadora do evento e do dossiê do presente número de *Cadernos de Letras*.

geral, e dos estudos clássicos, em particular”⁵ Os autores trazem à luz o nome da primeira doutora em História Antiga (1970) no país, Maria da Glória Alves Portal (1928-1985), e recordam a importante atuação da docente de língua e literatura latina da USP Ingeborg Braren (1933-2006), que traduziu no mestrado (1985) a obra filosófica de Sêneca *Tratado sobre a Clemência*, publicada em 1990 e reeditada, em 2013, pela Editora Vozes.

No seu artigo de 2016, Adriane Duarte menciona a professora Gilda Maria Reale Starzynski (1922-2003), que defendeu uma tese de doutorado (1963) sobre Aristófanes e sua tradução da comédia *As nuvens*, publicada pela Difel em 1967 e republicada, em 1977, pela Editora Abril. Apenas mais duas classicistas tradutoras são mencionadas: Ana Maria César Pompeu (UFC) e Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG). Decorosa, Adriane Duarte não cita a própria produção tradutória, que abrange comédias aristofânicas e romances gregos da Antiguidade.

No artigo que abre este dossiê dos *Cadernos de Letras da UFF*, a docente, tradutora e pesquisadora apresenta um levantamento preliminar das traduções assinadas por mulheres, de que só se tem registro a partir da década de 1930, de modo a fornecer um panorama das tradutoras brasileiras do grego e do latim, contribuindo, como ela mesma afirma, “para dar visibilidade a uma atividade muitas vezes relegada ao segundo plano”. Adriane Duarte classifica como “precursoras” as tradutoras das décadas de 30 e 40 do século XX; “desbravadoras”, a primeira geração oriunda dos cursos universitários de Letras Clássicas nos anos 1950 e 1960; chegando às “doutoras”, que hoje se fazem cada vez mais presentes no mercado editorial. Segundo a autora, “a ideia é lançar o fio de Ariadne para que seja possível nos orientarmos nos labirintos da desmemória, dando assim início a um projeto mais ambicioso, o de se escrever a história da tradução dos clássicos

5 O artigo de Filipe Noé da Silva, Pedro Paulo Abreu Funari e Elaine Cristina Prado dos Santos, intitulado “Duas pioneiras no estudo da Antiguidade no Brasil”, publicado no periódico *Entre parênteses*, está disponível em <https://doi.org/10.32988/rep.v1n9.1139>. Acesso em: 17 dez. 2023.

no Brasil?”. Como resultado imediato, ela nos oferece o *Catálogo das obras greco-latinas traduzidas por mulheres*.

As organizadoras do dossiê, junto com a docente e tradutora Greice Drumond (UFF-Letras), fazem um aporte para esse projeto com uma minuciosa entrevista com Glória Braga Onelley, nova professora titular da UFF e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ. Sua produção tradutória inclui *A ideologia aristocrática nos Theognidea* (2009), *Contra Neera* (2011, 2012 e 2013) e, em parceria com a professora Shirley Peçanha (UFRJ), *As odes olímpicas de Píndaro* (2016) e *Trabalhos e dias* (2020). Glória Braga Onelley relata em detalhe o desenvolvimento da docência e pesquisa em literatura grega no Rio de Janeiro desde o final da década de 1970, quando o Brasil retomava a abertura política após a ditadura militar instaurada em 1964. A docente de grego esclarece que suas duas mais recentes traduções, ambas em edição bilíngue autofinanciada, têm como público-alvo alunos e orientandos, com objetivo assumidamente pedagógico.

As quatorze palestrantes do “Mulheres que traduzem clássicos” deram seus depoimentos como tradutoras que venceram desafios para terem publicados seus textos, traduzindo-os do grego antigo ou do latim para o português do Brasil, ocasionalmente até num linguajar mais regional. Trata-se de projetos pessoais algumas vezes. Outras vezes, de aderir a projetos de casas editoriais. Há tradutoras que resolveram empreender de diferentes maneiras: criando uma editora, optando pela autopublicação ou apostando no financiamento coletivo. O presente dossiê traz uma amostra desses testemunhos, acrescida de colaborações voluntárias de pesquisadoras no campo da tradução dos clássicos antigos.

Carolina Araújo, professora titular de Filosofia na UFRJ, uma das administradoras da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, apresenta os resultados parciais do projeto *Filósofas Antigas para Filósofas Brasileiras*, desenvolvido desde 2021 com apoio da Faperj, e coloca a tradução de

clássicos para o português como peça central no combate à desigualdade de gênero, que se verifica em âmbito global, com menos de 30% das posições docentes nos departamentos de Filosofia ocupadas por mulheres. No Brasil, a chance de uma graduanda tornar-se docente de pós-graduação é 2,5 vezes menor do que a de um graduando. Como afirma Carolina Araújo, “estudos têm avançado na compreensão de como vieses influenciam nossas decisões sobre o mérito e o valor de pessoas, resultando em maior desigualdade e em dificuldades reais para o avanço de políticas igualitárias”. A produção de material que possa ser usado no primeiro contato de discentes com essa área e mostre que, apesar de minoria, mulheres participaram da história da filosofia reverte um estereótipo reproduzido há muito no Brasil e no mundo.

Lucia Sano, professora na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), finalista do prêmio Jabuti de 2022 com a tradução da obra historiográfica *Ciropédia* (2021), de Xenofonte, da Atenas clássica, faz um relato de experiência numa perspectiva feminina, considerando as condições de trabalho no ambiente acadêmico e a ascensão do pensamento conservador e extremista no país nos últimos anos. “Penso que, antes de ser um caso específico, esse relato fala também de estruturas que têm determinado o trabalho de muitas de nós e que ainda precisam ser reiteradamente expostas ou criticadas”, declara. Ela compartilha o andamento da empreitada tradutória da *Anábase*, do mesmo autor, iniciada efetivamente em 2020, com lançamento previsto para 2024, e atravessada, portanto, pela pandemia de Covid-19, que demandou demais das mulheres como cuidadoras.

O relato tão franco de Lucia Sano ilustra o panorama delineado por Adriane Duarte em mais de um aspecto, corroborando, sobretudo, a análise de que a tradução de clássicos no Brasil está vinculada hoje à profissionalização de docentes pesquisadoras, as “doutoras”. Porém, o ambiente acadêmico exige muito e tende a limitar as possibilidades: “Se

queremos mais mulheres tradutoras de clássicos, promover mudanças nas condições em que esse trabalho é feito é algo necessário”.

Outra palestrante que colabora com reflexões sobre sua experiência é a livre-docente da USP Giuliana Ragusa, prolífica tradutora de poesia grega arcaica, vencedora do prêmio Jabuti de 2006 com a obra autoral *Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo*. Ela diz: “Falo de uma experiência empenhada, de um interesse contínuo e da crescente compreensão da importância de mulheres que traduzem e que traduzam as obras da Antiguidade clássica – tantas que ainda por elas esperam”. Giuliana foi a primeira tradutora mulher em língua portuguesa a publicar uma seleção de fôlego dos fragmentos da poeta Safo, reunidos no *Hino a Afrodite e outros poemas* (2011).

Sobre os livros já publicados, ela comenta a opção pelo formato de divulgação qualificada, ao leitor não especializado e ao especializado, da poesia grega arcaica em gêneros (métrica, elegia). Sobre as futuras traduções, faz segredo: “A paleta de gêneros deve se abrir a outros no longo prazo, em que flerto com ideias de traduzir quem ainda não o foi por mulheres helenistas de língua portuguesa. Mais não digo, por enquanto”.

Doutoranda sob a orientação de Giuliana Ragusa, a colaboradora do dossiê Clara Mossry Sperb vê a tradução de poetisas (termo que ela adota) da Grécia antiga como uma forma de reconstituir a história das mulheres. Depois de ter traduzido poemas de Erina, Anite e Nóssis na dissertação de mestrado, defendida na UFRGS (2022), ela investiga no doutorado a recepção e transmissão das obras de Safo, Corina, Praxila e Telesila. “Mesmo com esses registros escritos, por muito tempo não se deu atenção a essas autoras e, por causa da falta de outros documentos mais formais sobre como elas viviam e do estado bastante precário com que suas obras sobreviveram, as mulheres gregas se tornam invisíveis por um longo período da história, com exceção, talvez, de Safo”, afirma.

O dossiê traz também os depoimentos de duas tradutoras de textos

do latim para o português, numa abordagem técnica. Sandra Bianchet, professora titular na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tradutora dos dois conhecidos romances latinos da Antiguidade *Satyricon*, de Petrônio, e *Metamorphoseon*, de Apuleio, apresenta aspectos de cada um dos contextos de produção, separados por mais de uma década.

Júlia Avellar, professora adjunta na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), conta em detalhes o processo que resultou na publicação da sua mais recente tradução, *Tristia/Tristezas*, coletânea de elegias epistolares de exílio de Ovídio, com ênfase no caráter metapoético e nos comentários reflexivos do autor, privilegiando essa “poética implícita” no texto traduzido.

Um estudo comparativo de duas traduções realizadas por mulheres da peça *Acarnenses*, do comediógrafo grego Aristófanes, é a colaboração da doutoranda Stefania Sansone Bosco Giglio (UFRJ). Ela analisa as traduções da portuguesa Maria de Fátima Sousa e Silva, docente na Universidade de Coimbra, e da brasileira Ana Maria César Pompeu, professora titular da Universidade Federal do Ceará (UFC), supervisionada no pós-doutoramento pela primeira. A autora argumenta que a adoção do “cearensês” como variante linguística caracteriza um processo de “domesticação” do texto traduzido no Brasil, mas como uma força periférica agindo sobre o centro cultural dominante, um grito de resistência da periferia global.

A colaboração de Katia Teonia Costa de Azevedo, professora adjunta da UFRJ com manifesto interesse nas áreas de extensão e de recepção dos clássicos, ilustra a contribuição da escritora brasileira Alaíde Lisboa de Oliveira (1904-2006), professora emérita da UFMG, para a literatura infantil e juvenil por meio de adaptações de fábulas de Fedro, autor de origem grega que escreveu em latim no século I da era comum. Trata-se de mais um registro para que se documente – aos poucos, que seja – a história dos estudos clássicos no Brasil. Vale notar que Alaíde Lisboa foi ativa politicamente: a primeira mulher vereadora eleita por Belo Horizonte,

ocupando o cargo de 1949 a 1952.

Encerra o dossiê um artigo de Glória Braga Onelley, exemplificando, com o discurso *Contra Áfobo I*, do orador Demóstenes, seu procedimento de pesquisa, sempre baseado na tradução do texto grego, conforme ela mesma comenta na entrevista concedida a essa edição dos *Cadernos de Letras da UFF*. A pesquisadora tece comentários sobre o direito sucessório com base na acusação de má gestão da herança do orador por parte de seus três tutores, especialmente Áfobo. São abordados, ainda, outros tópicos relacionados com o direito de família, como o contrato de casamento, a pensão alimentícia da mãe de Demóstenes e o dote desta última e da irmã do orador. Como afirma a autora, na sucessão hereditária na Grécia antiga, prescrevia-se que os varões e seus descendentes masculinos tivessem precedência em relação às mulheres.

Refletindo sobre as condições pretéritas de vida das mulheres, sob restrições legais e morais que, certamente, represaram muito do potencial intelectual e político de metade da humanidade, as docentes, pesquisadoras e tradutoras – na mais ampla acepção – do mundo antigo vivem um presente que ainda demanda a agência feminina pela mudança.

As discussões do simpósio “Mulheres que traduzem clássicos”, realizadas também na Casa Guilherme de Almeida, na capital paulista, foram arrematadas pelo olhar crítico das tradutoras-pesquisadoras-docentes que estão em constante conversação com o mundo dos clássicos da Antiguidade, embora não atuem especificamente na área, Maria Fernanda Gárbero (UFRRJ) e Carolina Paganine (UFF). Numa iniciativa pouco comum em eventos acadêmicos, elas acompanharam todas as falas e, ao fim dos trabalhos, alertaram sobre o que não se viu, sobre o que ficou sem ser dito. O encontro se encerrou com o texto abaixo, que representa bem o aprendizado por troca de experiências que se deu naquele dia.

O fio de Ariadne foi lançado

Mulheres, mães, pesquisadoras, tradutoras de textos e tradições que nos lembram o quanto nossas vozes foram silenciadas. Mulheres que, ademais dos textos clássicos traduzidos, nos revelam as dificuldades e desigualdades que até hoje precisamos enfrentar. Estratégias que precisamos inventar. Resistir. E como isso cansa... Entre cadernos, ousadias, desenhos das filhas, amamentação, cuidados de familiares e muitos “nãos” daqueles que se dizem “nossos pares”, vamos com e como precursoras, desbravadoras e doutoras em busca do fio de Ariadne capaz de nos tirar do labirinto. Labirinto da hiperprodutividade, para manter os índices dos programas de pós-graduação, majoritariamente masculinos, como vemos recorrentemente nos panoramas das Letras Clássicas e da Filosofia, áreas do saber ainda muito ligadas aos homens que, embora queridos, não andam no mesmo passo que a gente. A eles, parece que os deuses deram asas que não são de cera. E eu sinto inveja...

Que no futuro nos ouçam e nos publiquem. Que o futuro, que se escreve em poucos dias, nos livre da barbárie, e que o futuro-agora, tempo contínuo, traduza uma universidade mais igualitária, com mais pesquisadoras e tradutoras. E que os corpos pretos, periféricos e brasileiros estejam aqui, traduzindo-se em presença viva. Salve Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães e todas as Éricas de hoje e amanhã!⁶

Alice Haddad (UFF-Filosofia)

Maria Fernanda Gárbero (UFRRJ-Literatura)

Renata Cazarini de Freitas (UFF-Letras)

Organizadoras

6 O texto integral de Maria Fernanda Gárbero está disponível em: <https://mulheresquetraduzem.wordpress.com/>
Acesso em: 17 dez. 2023.